

Devoção à Santíssima Virgem Maria

Caminho seguro para se chegar a Deus e sinal inequívoco de salvação



Neste mês de maio — o mês mariano por excelência — **Catolicismo** dedica sua matéria de capa a Nossa Senhora, Medianeira de todas as graças. Nossos leitores serão favorecidos com um texto realmente excepcional. Seu autor é o sacerdote francês Thomas de Saint-Laurent, do século passado, conhecido autor de espiritualidade e grande devoto da Virgem Maria (vide

quadro no final do artigo).

Texto eminentemente mariano, escrito com muita unção, que será motivo, estamos seguros, de bênçãos especiais para os que o lerem com devoção, e não apenas para enriquecer sua formação religiosa.

Contemplaremos como Maria, escolhida por Deus para ser sua Mãe perfeitíssima, fora também eleita para ser a perfeita advogada, medianeira e embaixadora dos homens junto ao trono do Onipotente. Veremos que a devoção a Ela é o caminho mais fácil, agradável e seguro para se chegar a Deus, e — como afirmaram muitos santos — "*sinal inequívoco de salvação*".

O autor expõe magnificamente como o Criador cumulou Nossa Senhora de excelsas graças e A fez "*obra-prima da criação*". E mostra que todos os nossos pedidos e dificuldades devem ser deixados nas suas mãos puríssimas, pois seremos atendidos super-abundantemente se confiarmos inteiramente em sua intercessão junto a Deus.

É claro que o atendimento pode não ser imediato, e que tenhamos de passar por uma árdua espera. Mas isso não é motivo para desanimarmos, pois Deus, desejando a salvação de seus filhos, almeja vê-los unidos à sua Santíssima Mãe também nas vias do sofrimento e da purificação. Tenhamos plena confiança de que, em determinado momento, seremos atendidos além de nossas necessidades e recompensados em grau superior a nossas súplicas.

O texto que segue é composto de excertos do livro *La Vierge Marie*,(*) traduzido para o português por Hélio Dias Viana, colaborador de *Catolicismo*. Os intertítulos foram inseridos pela Redação.

A direção de *Catolicismo*

* A obra recebeu aprovação eclesiástica (*Nihil obstat*) de E. Lucquin, censor designado em Avinhão (França), no dia 15 de fevereiro de 1927. E o *Imprimatur*, na mesma data, de J. Peyron. Sua versão em português foi publicada pela Artpress Indústria Gráfica e Editora Ltda., São Paulo, SP, 1996.

Deus nos deu uma Mãe incomparável

**Maria, aurora para o mundo e para cada alma em particular.
Maria, “nossa vida” e “nossa doçura”.**



Nossa Senhora da Candelária

Quereis transformar vossas vidas? Quereis praticar as virtudes que vos parecem inacessíveis, e que entretanto Deus vos pede? Quereis conhecer as alegrias inefáveis que somente o amor de Jesus pode proporcionar, e que faziam as delícias dos santos? Quereis experimentar em vós essas maravilhas?

Se o quiserdes seriamente, não hesiteis um só segundo: dirigi-vos a Maria. Não há caminho mais direto para ir a Nosso Senhor.

Maria – canta a liturgia católica – é *nossa vida e nossa doçura*: “*Vita, dulcedo et spes nostra, salve!*”. Estas palavras, tão consoladoras e tão

profundas, servirão de introdução dogmática a este modesto volume, e nos lembrarão o papel capital que a Mãe de Cristo exerce junto de nós.

A sublimidade da Virgem Mãe

Mas essa vida transbordante, essa vida divina que nos dá o Salvador, não a recebemos senão por Maria. Como Adão, o Messias teria podido vir ao mundo na plenitude de sua força e beleza. Nada teria sido mais fácil à sua onipotência. Entretanto, Ele não quis agir assim; nasceu de uma virgem.

Maria formou seu divino Corpo no seu seio imaculado. Ela O alimentou, velou sobre Ele durante seus primeiros anos, guardou-O junto de si durante muito tempo. Quando soou a hora da imolação suprema, Ela estava de pé junto da Cruz e, com a alma dilacerada, oferecia ao Pai seu Filho bem-amado para a salvação dos homens. Foi Maria quem deu Jesus ao mundo.

O papel sublime da Virgem Mãe não se detém aí. Nosso Senhor não se contenta de ter vindo ao mundo na gruta de Belém; Ele também deseja nascer em cada uma de nossas almas. Quando recebemos a graça santificante, é a vida de Jesus que nasce em nós.

A dispensadora de todas as graças

Vossa alma está cambaleante? Tendes grande dificuldade em conservar no coração, em meio às tentações violentas deste mundo, o tesouro da amizade divina? Apesar de vossos bons propósitos, constatais quedas e reincidências freqüentes? Se assim é, não tenhais dúvida: estais muito distante da fonte das graças, negligenciais de invocar Maria em vosso auxílio. Se A tivésseis invocado mais fielmente, não teríeis caído.

Vossa alma está desencorajada sob o golpe da provação? O que fizestes, pois, na hora do sofrimento? Vós vos abandonastes a essa tristeza morna que paralisa vossas forças. Omitistes no abatimento os deveres de estado, talvez até mesmo as práticas de piedade. Era necessário atirar-vos instintivamente nos braços de vossa Mãe celeste; devíeis ter rezado a Ela a todo custo.

Se não tivestes sequer a força de murmurar uma simples *Ave-Maria*, devíeis ao menos ter clamado por Ela invocando seu nome bendito. Imediatamente Ela se teria inclinado sobre vós, vos consolado e reconfortado. Maria é a vida de nossas almas porque nos dá Jesus, Autor de toda vida.

Maria é também nossa doçura

Ela não se contenta em trabalhar eficazmente pela nossa salvação; esforça-se por torná-la mais fácil, cobrindo de flores sob os nossos passos

o árduo caminho da virtude.

Maria tem por nós uma ternura de Mãe. Não se esqueceu das últimas recomendações que Jesus lhe dirigiu ao morrer. Quando agonizava na Cruz, o Salvador nos confiou a Ela: "*Eis vosso filho*" (Jo 19,26), disse-lhe, apontando para cada um de nós. Essas palavras ficaram profundamente gravadas em seu coração tão puro e tão bom. A partir de então Ela não cessa de exercer junto de nós os deveres da mais afetuosa das mães.

Maria sabe, aliás, que de algum modo nos é devedora de seus incomparáveis privilégios. Se não tivéssemos pecado, se não tivéssemos tido necessidade da Redenção, teria Ela conhecido as alegrias – que ultrapassam infinitamente nossas curtas inteligências – da maternidade divina?

É, pois, com certa forma de reconhecimento que Ela se debruça sobre nossas misérias para nos ajudar.

A Santíssima Virgem ameniza nossa vida



Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Intercede junto de Nosso Senhor para afastar de nós as penas e os castigos que com tanta freqüência merecemos. Como nas Bodas de Caná, sua piedade se compadece de nossas aflições. Ela dirige em nosso favor uma prece ao seu Divino Filho, e quase sempre o Coração compassivo de Cristo se deixa tocar.

Há, entretanto, horas em que a provação se abate sobre nós – o sofrimento é a grande lei da vida. Maria concede então aos que A invocam tal abundância de graças, que eles não sentem mais o peso do fardo que os esmagava.

Em vossas provações, lançai, pois, sobre Maria um longo olhar de esperança e amor. Aprenderéis por vossa própria experiência aquilo que sentiram tão freqüentemente os grandes servidores de Nossa Senhora.

As cruzes são muito amargas, mas, como dizia São Luís Maria Grignon de Montfort, a divina Mãe as prepara para nós como um confeito no mel da divina caridade.

A Imaculada Conceição

Tendo criado os anjos para torná-los partícipes de suas delícias infinitas, grande número deles preferiu a satisfação de seu orgulho às glórias beatíficas da divina caridade.

E tendo criado nossos primeiros pais para uma felicidade que ultrapassava sem medida as mais exigentes aspirações do coração humano, eles se desviaram com ingratidão de seu soberano Benfeitor.

Deus não podia aceitar essa dupla derrota. Ele devia a Si próprio uma revanche esplendorosa. Então, se ousou me exprimir assim, o Artista incomparável se pôs novamente à obra.

E concebeu a idéia de uma criatura admirável que ultrapassaria em beleza o homem no esplendor de sua inocência original, e cuja radiante perfeição faria empalidecer a dos anjos mais resplandecentes. Quando os tempos se completaram, Ele realizou plenamente essa obra-prima de sua inteligência e de seu amor: fez a Virgem Maria.

O primeiro privilégio que lhe concedeu foi o da Imaculada Conceição. Importa compreender bem no que consiste esse privilégio único.

Um florão de glória

O Altíssimo não se contentou de criar Maria em estado de graça, como fez com os anjos e com os nossos primeiros pais. Os teólogos nos ensinam que a Santíssima Virgem, nesse primeiro instante, ultrapassava em perfeição não somente ao anjo mais elevado, mas ainda a todos os anjos e a todos os santos reunidos.

Quando o Papa Pio IX definiu o dogma da Imaculada Conceição, o universo católico exultou de alegria. Os canhões do castelo de Sant'Angelo – onde o estandarte pontifício ainda tremulava na clara luz de Roma – anunciaram ao mundo a feliz notícia.

Em todos os países os fiéis manifestaram sua alegria; em muitas grandes cidades eles decoraram espontaneamente suas casas e as iluminaram. Compreende-se que corações cristãos se rejubilem ao ver um novo florão de glória colocado na coroa de sua Mãe.

Contai a Maria vossas tristezas

Crede firmemente, com São Bernardo, que nunca invocareis em vão vossa Mãe do Céu. Confiai a Ela os interesses de vossas almas. Ela vos fortificará em vossas tentações e vos dará uma pequena fagulha de seu amor por Jesus, a qual iluminará em vossas almas o doce fogo da divina caridade.

Confiai a Ela as penas de vossos corações. Estais feridos por aquelas ingratidões e friezas, tão cruéis quando procedentes de pessoas ternamente amadas? Estais quebrados por aqueles lutos que matam de um golpe a alegria de vossas pobres existências? Contai a Maria vossas tristezas. Ela vos consolará e vossas lágrimas de tristeza se transformarão em prantos de reconhecimento.

Confiai a Ela vossas preocupações materiais. Ela conduzirá do melhor modo os vossos negócios, para atender aos vossos verdadeiros interesses. Em todas as dificuldades, em toda circunstância, em todo momento, olhai a doce Estrela do mar, invocai Maria. *Respice stellam, voca Mariam.*

A Natividade da Santíssima Virgem

O dia em que nasceu a Rainha do Céu foi um dos mais belos da História da humanidade. Ele anunciava à Terra amaldiçoada a proximidade da libertação há tanto tempo esperada.

Temos dificuldade em compreender o alívio imenso que significou para o mundo o nascimento de Maria. Lamentamos muito a infelicidade de nossa época.

Nós que, apesar de tudo, vivemos numa atmosfera de cristianismo, somos – mesmo os mais infelizes – os privilegiados da Providência. Parecemos ignorar a horrível miséria na qual gemia o mundo antigo.

Pobres homens dos tempos antigos!

A sociedade antiga estava fundada sobre o esmagamento do fraco, sobre o desprezo da dignidade humana. A maior parte da humanidade suportava as torturas da escravidão. Até mesmo Roma, que se mostrava tão orgulhosa de sua civilização, considerava a multidão de seus escravos como um imenso rebanho destinado à carnificina.

Deus não secara inteiramente a fonte das graças; não recusava o perdão ao pecador arrependido. Mas só o concedia mediante a contrição perfeita. As almas, tão fracas em meio às tentações da carne, privadas dos socorros espirituais que agora possuímos em abundância, caíam aos milhares no abismo infernal.

Pobres homens dos tempos antigos!

Aproxima-se a hora bendita da Redenção



Casamento de São José e Nossa Senhora

O nascimento de Maria deu início à obra da Redenção. Em seu berço, pela graça de seus primeiros sorrisos, a Mãe do Salvador ilumina a terra desolada. Jesus aparecerá logo, e com seu precioso Sangue apagará a sentença da nossa condenação.

O mundo conheceu afinal, depois de tanto sofrimento, as alegrias da liberdade e da paz; a escravidão será abolida por toda parte e a dignidade humana doravante será respeitada.

Os sacramentos farão jorrar em abundância os caudais da graça: teremos apenas de nos inclinar para neles haurir sem limites o perdão, a coragem e a vida que não morre; o Deus que se escondia no seu Paraíso vai descer sobre a Terra.

Após a Ascensão, Jesus permanecerá entre nós sob os véus eucarísticos; e quando a Presença real abandonar no último dia os tabernáculos destruídos, Ele reinará visivelmente sobre o povo glorioso dos eleitos ressuscitados.

Ensinamentos salutares

A Natividade de Maria, que arrebatava os céus e aterrorizava os anjos decaídos, como foi recebida na Terra?

Na pequena vila de Nazaré, onde segundo certas tradições viviam São Joaquim e Sant'Ana, não se dá atenção à recém-chegada. Ela traz nas veias o sangue de Davi, mas sua família está destituída do antigo esplendor. Quem se ocupa dessa pobre gente?

Há mais. Ana e Joaquim permaneceram muito tempo sem filhos. Deus se deixara, afinal, tocar por suas orações. Eles viam em Maria um sinal da bondade celeste. Mas não faziam a menor idéia dos tesouros com que o Altíssimo cumulara a alma de sua filha: não conheciam as maravilhas da Imaculada Conceição; não sabiam que embalavam nos braços a futura Mãe do Salvador.

Não dar importância às grandezas humanas

Que a obscuridade na qual nasce Nossa Senhora nos ensine a dar pouca importância às grandezas humanas. Saibamos considerar com olhar cristãmente indiferente essas vaidades perecíveis que Cristo desprezou para sua Mãe: se tivessem algum valor, Ele não lhas teria recusado.

Aprendamos também, nesse grande mistério, a não desanimar nunca. A Imaculada vem ao mundo quando os judeus se desesperam e crêem tudo perdido. Aproveitemos a lição.

Quando invocamos o Céu em nosso socorro e não somos imediatamente atendidos, caímos na tristeza. Deus às vezes espera que nos sintamos na beira do abismo para nos estender sua mão.

Portanto, não abandonemos tão facilmente a oração; o Altíssimo intervirá no momento em que nós nos julgarmos definitivamente abandonados. Tenhamos confiança, uma confiança sem limites! Seremos então largamente recompensados.

O santo nome de Maria

Deus não assinalou a chegada da Santíssima Virgem ao mundo com prodígios exteriores, entretanto havia escolhido, desde toda a eternidade, o augusto nome que a Mãe do Salvador devia levar.

Enquanto Joaquim e Ana aguardavam com jubilosa impaciência a realização de suas esperanças, o anjo Gabriel – grande mensageiro das misericórdias infinitas – viera visitá-los para lhes revelar o nome bendito que o Altíssimo havia reservado à sua filha.

Em torno do berço onde sorria a Rainha do Céu, a família não prolongou suas deliberações. Os pais da Santíssima Virgem foram os primeiros a falar, e manifestaram sua vontade da maneira mais clara: chamaram sua filha “Maria”.

O significado do nome Maria

Os comentadores mais autorizados nos ensinam que *Maria* quer dizer, em primeiro lugar, *soberana*. Seu Divino Filho quis que a criação inteira se submetesse ao seu cetro de amor.

Não procureis para essa Soberana um palácio magnífico, onde incontáveis servidores mantêm-se atentos para se anteciparem aos seus menores desejos. Ela mora em Nazaré, numa casinha branca suspensa no flanco da colina, uma pequena casa tão pouco confortável, que os mais pobres de nossos dias não a quereriam.

Esse apertado casebre, que se divide em duas peças de dimensão desigual, mal cobre a área de cinqüenta metros quadrados. É lá que Ela reside com José e Jesus, o Filho eterno de Deus que é também seu filho, o fruto bendito de suas entranhas.

De que se ocupava a Mãe de Deus?

Enquanto o Salvador aplaina pesadas tábuas com seu pai adotivo, do que se ocupa essa criatura privilegiada entre todas? Ela cozinha, lava e conserta a roupa, aplica-se a cuidar do pobre lar. Na verdade, estranha soberana: mais parece uma humilde serva do que uma grande rainha.

Mais ainda. Vimos com que riquezas havia Deus cumulado a alma de Maria no momento da Imaculada Conceição. A partir daí a Virgem, que teve desde o primeiro instante uso da razão, não cessara de crescer em graças e virtudes, em proporções que confundem nossos débeis cálculos.

Ela não operava milagres

Até Nosso Senhor subir triunfalmente aos Céus, a Santíssima Virgem não fez nenhum desses prodígios que entusiasma as multidões. Jesus percorria a Palestina curando doentes e ressuscitando mortos.

Os Apóstolos, o próprio Judas, expulsavam demônios em nome do Mestre. Maria permanece silenciosa em sua pequena casa e, quando às vezes assiste às palavras do Filho, passa despercebida na multidão de ouvintes.

Contudo Maria possui ao mesmo tempo a mais prodigiosa autoridade jamais havida na Terra. O César, que vive em Roma nas magnificências de seu palácio, comanda milhões de homens e mal pode conhecer o número fantástico de seus súditos. A Europa obedece às suas leis, parte da Ásia e da África é submissa ao seu cetro. Maria comanda apenas um único ser humano; mas esse Homem é maior do que todos os reis, mais glorioso do que todos os anjos.

Ela tem todo crédito junto ao seu Filho

Conheceis o imenso crédito que Deus concede no Céu a certas almas privilegiadas. Santa Teresa do Menino Jesus, por exemplo, anunciara no leito de morte que faria cair sobre a Terra uma chuva de rosas. Essa graciosa predição realiza-se a cada dia de maneira maravilhosa.

Se Nosso Senhor confere tal poder a uma simples religiosa, morta na flor da juventude, o que não fará pela mais alta, mais virtuosa, mais bela das criaturas, por Aquela que formou seu Corpo divino em seu seio virginal?

Gravemos, pois, profundamente em nossos corações o ensinamento que nos dá a grande voz da Tradição: no Céu, Jesus realiza até mesmo os menores desejos de sua Mãe, do mesmo modo como executava pontualmente suas ordens na Terra.

Outro significado do nome Maria

Maria significa também *Amarga*. O Profeta Isaías, anunciando ao mundo o futuro Messias, o havia chamado "*varão das dores*". Nossa Senhora, a mais perfeita imitadora de Nosso Senhor, foi a Virgem dolorosa.

O sofrimento é o grande redentor. Foi por ele que Maria se associou ao pé da Cruz à obra de nossa libertação. É pela provação cristãmente aceita que nos salvamos. É pelo sofrimento, enfim, que podemos obter a graça da salvação para as almas que nos são caras.

Essa verdade parece dura, mas é menos terrível do que faz crer à primeira vista.

O sofrimento é o mensageiro misterioso da verdadeira alegria de nossas vidas. Esse princípio brilha de modo impressionante na história da Santíssima Virgem.

Mater Dolorosa



Nossa Senhora das Dores

Durante a infância de Jesus, Maria sentiu no coração angústias inexprimíveis.

Ela O viu nascer num pobre estábulo; ouviu a sinistra profecia do velho Simeão; teve de fugir para o Egito, a fim de subtrair seu precioso Tesouro do furor assassino de Herodes; perdeu seu Filho em Jerusalém, e só O encontrou após três longos dias de lágrimas e agonia; tinha constantemente presente no espírito o terrível quadro descrito por Isaías sobre as torturas do

Messias.

Maria sofreu ainda mais no decurso da vida pública do Salvador. Nosso Senhor deixou a pequena casa onde haviam passado juntos tantos e tantos anos. Maria sofreu no Calvário um terrível martírio. Viu seu Filho – de Quem cuidara com tanto devotamento – coroado de espinhos, jorrando sangue e pregado na Cruz.

Ela O viu agonizar e morrer.

Deve-se desejar a provação?

Circulam em nossos dias obras de piedade de um exagero perigoso. Nelas se louvam as vantagens da dor, esquecendo que só o amor de Deus faz o mérito; nelas se apela às almas para que se ofereçam como vítimas ao Altíssimo.

Reconheço com a Igreja que Deus às vezes escolhe almas para fazer delas vítimas de sua Justiça; mas são casos muito raros, mesmo na história dos santos.

Santifiquemo-nos na prática de nossos deveres cotidianos e deixemos ao Bom Mestre o cuidado de nos enviar o que mais nos convenha.

Invoquemos sempre o bendito nome de Maria



Habituemo-nos a invocar com freqüência o nome de Maria. Deus comunicou tal poder a esse nome bendito, que ele basta para operar maravilhas: afugenta os demônios, que não podem ouvi-lo sem se encherem de pavor; dissipa as mais violentas tentações e restabelece nas almas a confiança e a serenidade.

Nossa Senhora revelou a Santa Brígida que na hora da morte Ela vinha assistir os fiéis que A invocavam freqüentemente durante a vida.

São João de Deus sempre esperou receber, naquele instante supremo, a visita da Virgem Imaculada. Mas Ela não se mostrava, e o santo parecia desencorajado. A agonia continuava seu curso. De repente, a fisionomia do moribundo transfigurou-se.

A Rainha do Céu acabava de lhe aparecer: "*João – disse-lhe Ela com maternal sorriso – então me crês capaz de abandonar meus devotos servidores num momento como este?*". Foi nos braços de Maria que ele exalou o último suspiro.

A vida da Santíssima Virgem no Templo

Quando a Virgem Maria atingiu a idade de três anos, seus piedosos pais cumpriram sua promessa. Apesar da imensa tristeza que lhes causava a privação da filhinha tão graciosa, tão afetuosa e tão doce, conduziram-na a Jerusalém.

A Imaculada, que possuiu uso da razão desde o primeiro instante, compreendia o alcance desse ato. Ela, que já havia se consagrado inteiramente ao Senhor, ofereceu-se de novo plenamente a Ele nesse dia com todo o ímpeto de sua vontade e de seu amor.

O fervor não A impediu de sentir vivamente a amargura de seu sacrifício. Quanto mais as almas unem-se a Deus, tanto mais se tornam amorosas e boas: o coração afetuoso de Maria se dilacerou no momento de deixar seus pais. Mas, apesar da idade tão tenra, Ela subiu sem fraqueza as longas escadarias do Templo e desapareceu na Casa de Deus.

Humildade de Maria

Entretanto, no Templo de Jerusalém Ela não conhecia todas as próprias grandezas. Parece duvidoso que tenha sabido do privilégio da sua Imaculada Conceição. Em todo caso, ignorava que o Filho de Deus A tivesse escolhido desde toda a eternidade para formar um corpo em seu seio.

Depois de Nosso Senhor, ninguém compreendeu tão profundamente como Maria a imensidade do Altíssimo e o nada da criatura. Ela sabia que, pela natureza humana, não era nada.

Atribuía unicamente a Deus as virtudes que lhe ornavam o coração; não atribuía a si nenhum mérito; e na presença do Pai Celeste, imergia num abismo incomensurável de humildade.

Se a Imaculada agradou ao Altíssimo pela sua pureza sem mancha, diz São Bernardo, foi por sua humildade que se tornou a Mãe de Deus.

Conclusão prática

Este estudo não deve ficar nas esferas estéreis da especulação; cumpre tirar dele conclusões práticas. Falemos com franqueza brutal, com impiedosa crueldade. Digne-se a Virgem tão humilde e tão doce ditar-me palavras justas e salutares.

Todo homem é naturalmente vaidoso. Mas existe um orgulho mais sutil, mais perigoso e mais difícil de curar do que todos os outros. É o das almas piedosas.

No Templo, Maria não se detinha com complacência nos favores maravilhosos com que o Céu A cumulava. Certas pessoas devotas perdem tempo considerável em analisar minuciosamente os próprios progressos na virtude.

Experimentem por acaso alguma doçura de sentimento na oração, e ei-las transportadas de alegria. Consideram-se logo privilegiadas. Entretanto, essas insignificantes doçuras provêm com freqüência de uma disposição puramente natural.

No Templo, Maria não se preferia a ninguém. Certas almas piedosas julgam o próximo com extrema severidade.

Exame de consciência

Examinemos seriamente a nossa consciência. Se descobrirmos nela alguma complacência para conosco, se não nos consideramos puros nadas, não duvidemos de que nos arrastamos lamentavelmente nos degraus mais ínfimos da mediocridade.

Dir-se-ia que Deus não pode derramar seus dons em um coração orgulhoso. Quando encontra uma alma cheia de si, deixa-a vegetar ou emprega o único meio de curá-la: permite que ela cometa transgressões, às vezes consideráveis, para lhe abrir os olhos e fazê-la constatar a própria miséria.

São Pedro considerava-se superior aos seus irmãos de apostolado. *"Ainda que todos os outros Vos abandonem, Senhor – dizia –, eu não Vos abandonarei. Eu Vos seguirei até a morte"*.

Em vão o Mestre lembrou-lhe sua fraqueza. Pedro se obstina: *"Não, não, eu não Vos negarei jamais"*. Pobre São Pedro! Aprendeu de maneira terrível a virtude tão necessária da humildade.

O desprezo de si mesmo



Se quiserdes progredir seriamente no caminho da perfeição, suplicai à Rainha do Céu

que vos inspire desprezo de vós mesmos. Não vos julgueis superior a ninguém. E lembrai-vos da palavra que Nosso Senhor dirigia aos fariseus, tão orgulhosos da própria aparência exterior.

Esta palavra eu não ousaria repetir, se o próprio Mestre não a tivesse pronunciado. *"Há – declarava Ele a esses orgulhosos – almas pecadoras que desprezais; mas porque essas almas reconhecem a profundidade de sua degradação, minha graça poderá tocá-las um dia. Elas serão mais elevadas do que vós no reino dos Céus"*.

Os grandes desígnios da misericórdia

Muitos anos haviam transcorrido desde sua entrada no Templo. Ela se manifestava agora na plenitude da beleza física, no esplendor mais radioso de sua incomparável virtude. Estava madura para os grandes desígnios da misericórdia. Logo a auréola da maternidade divina brilharia sobre sua fronte.

Peçamos à Santíssima Virgem que se torne não só nosso modelo, mas também nossa guia nas vias da perfeição. Sob a direção d'Ela não teremos a temer nem ilusões nem perigos: Ela nos conduzirá pelos caminhos mais seguros e mais rápidos; e colocará seu Divino Filho em nossos corações moldados por suas mãos maternais.

A Anunciação

O Verbo Eterno, que por nosso amor queria encarnar nas entranhas castas de Maria, dispôs maravilhosamente das coisas para a realização de seus grandes desígnios.

Quando Nossa Senhora terminou sua educação no Templo, desposou um pobre artesão. Como Ela, São José pertencia à estirpe real de Davi, decaída do antigo esplendor; também ele havia consagrado a Deus sua virgindade e desejava ardentemente ver com os próprios olhos o Messias prometido, a salvação de Israel.

Nem um nem outro suspeitava, entretanto, das bênçãos que o Senhor espargiria sobre seu humilde lar.

Os jovens esposos moravam havia algum tempo na pequena casa de Nazaré, quando numa simplicidade toda divina desenrolou-se a cena da Anunciação.

A mais gloriosa das embaixadas

Na alva casa de Nazaré, sobre a qual se concentrava a atenção dos espíritos bem-aventurados, reinava uma paz profunda. José repousava, sem dúvida, da dura jornada. Na peça vizinha, a Virgem rezava.

O Anjo apareceu-lhe então sob forma visível, e inclinando-se respeitosamente diante de sua Rainha, com o semblante iluminado por um gáudio sobrenatural, saudou-A: *"Ave, cheia de graça; o Senhor é convosco. Bendita sois Vós entre todas as mulheres"*.

Vendo a incomparavelmente mais perfeita das criaturas ter sobre si sentimentos tão humildes, o embaixador celeste ficou arrebatado de admiração. *"Maria – diz ele à Virgem trêmula –, não temais. Vós achastes graça diante de Deus"*.

Lenta e majestosamente, transmitiu-lhe depois, em nome do Eterno, a sublime mensagem: *"Eis que concebereis e dareis à luz um filho, a Quem poreis o nome de Jesus. Ele será grande; será o Filho do Altíssimo. Deus Lhe dará o trono de Davi seu pai; Ele reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e seu reino não terá fim"*.

Como se cumprirão essas predições?

Essas palavras eram por demais claras para que pudessem deixar a menor dúvida no espírito da Imaculada. Ela logo compreendeu a honra incomparável que lhe estava reservada.

Parece, aliás, que Maria não experimentou nenhuma hesitação no tocante à própria virgindade, como se tem repetido com tanta freqüência. Supor n'ela tal ignorância equivale a fazer injúria gratuita às suas luzes, pois conhecia a profecia de Isaías e sabia que o Emanuel nasceria de uma virgem.

Quis simplesmente saber como é que Deus, rico em milagres, realizaria esse prodígio: *"Como se cumprirão essas coisas?"*.

"O Espírito Santo virá sobre Vós – respondeu-lhe Gabriel –, e o poder do Altíssimo Vos envolverá com sua sombra. Por isso, o que de Vós há de nascer será santo e será chamado Filho de Deus. Vossa prima Isabel era estéril; e eis que há seis meses concebeu um filho em sua velhice, porque nada é impossível para Deus".

Para dar o consentimento que o anjo esperava em nome do Espírito Santo, teve uma dessas palavras sublimes que só o gênio da humildade pode encontrar. Empregou a mais modesta e a mais simples fórmula, aquela em que mais completamente se eclipsava sua personalidade: *"Eis a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a vossa palavra"*.

São Gabriel prosterna-se diante de Maria



A Encarnação acabava de se realizar, Nossa Senhora permanecia ainda arrebatada no êxtase. Todos os teólogos admitem que, nesses

minutos três vezes santos, Deus A tenha elevado à contemplação mais sublime que uma pura criatura possa alcançar na Terra. O Altíssimo talvez tenha até concedido a Ela, por alguns instantes, a visão beatífica.

Nesse momento o Arcanjo Gabriel havia cumprido sua missão. Ao chegar, ele se inclinara respeitosamente diante da Rainha do Céu; ao partir, prosternou-se com a face em terra.

Maria não estava mais só: ao Menino que Ela carregava no seio eram devidas, em rigor de justiça, as honras da adoração. O anjo adorou o Deus feito homem e retornou ao Céu.

A Maternidade divina

Devido à maternidade divina, a Santíssima Virgem possui direitos incontestáveis sobre o Salvador. Antes de tudo, direitos sobre a sua vontade. O Menino Jesus obedecia a Maria. Os Evangelhos no-lo recordam expressamente ao mostrá-Lo submisso à sua Mãe e ao seu pai adotivo.

Mas importa não exagerar. O Salvador havia recebido do Altíssimo uma missão que escapava à autoridade de Nossa Senhora. Quando, na idade de 12 anos, Ele permaneceu no Templo entre os doutores, não avisou a seus pais.

Quis com isso fazer-nos compreender claramente que, embora sua Mãe não pudesse mandar n'Ele em todas as coisas, conservava imensa influência sobre sua adorável vontade. Não foi a pedido de Maria que Ele realizou em Caná seu primeiro milagre?

Impossibilidade de recusar pedido da Mãe

A Santíssima Virgem possui também direitos sobre o Coração de seu Filho. Esses direitos são imprescritíveis. Como o fazia na Terra, Jesus tributa a Maria no Céu todo o respeito e toda a ternura de Filho.

É-Lhe, pois, impossível recusar a realização dos desejos d'Ela. Como é impossível que rejeite as nossas orações, se as apresentarmos em nome do amor que Ele deve e deverá sempre à sua Mãe.

São muito apreciadas em nossos dias as *orações eficacíssimas*. Há orações eficacíssimas a Santo Expedito, há novenas eficacíssimas a outros santos que, com a Igreja, venero profundamente. Há, porém, uma Santa que supera de muito os outros eleitos em glória e poder.

A Visitação



Como Ela havia tomado conhecimento da

realização das esperanças de sua prima Isabel, teve grande desejo de ir vê-la. Acredita-se, entretanto – e esta é a opinião dos comentadores mais autorizados – que Maria ainda permaneceu em Nazaré por alguns dias.

O mês de março chegava ao fim, as grandes solenidades da Páscoa aproximavam-se. Provavelmente Ela esperou as festas para subir com São José até Jerusalém.

Após cumprirem ambos seus deveres religiosos, Maria dirigiu-se à cidade de Hebron, onde ficava a residência habitual de Zacarias. Não parece provável que São José A tenha acompanhado nessa segunda parte da viagem. Se houvesse sido assim, ele não teria ignorado alguns meses mais tarde o divino segredo de sua santíssima Esposa.

Chegou, pois, a Virgem Imaculada à casa da prima, desenrolando-se as cenas da Visitação, cujos detalhes nos foram fielmente descritos pelo evangelista São Lucas.

Encontro de Maria com Santa Isabel

Maria chega ao termo de sua viagem. Considerai as duas mulheres que se reencontram: uma, embora rica, não passa da esposa de um simples mortal; a outra, apesar de pobre, é a Esposa do Espírito Santo, a Mãe de Deus. O que fará a Imaculada?

Já conhecemos sua prodigiosa humildade durante os primeiros anos. No Templo, considerava-se a última de todas. Mas agora as condições estão bem mudadas: Nossa Senhora encerra dentro de si o Filho eterno do Pai. Ela não ignora a que eminente dignidade essa maternidade sublime A eleva.

Consciente de sua glória, aguardará a saudação de Isabel para poder falar que recebeu as honras que lhe são devidas? Não, Maria antecipa-se. Com graça modesta, com espontaneidade encantadora, inclina-se diante da prima, abraça-a com a efusão de respeitosa ternura.

Contudo Isabel, que Deus esclarece sobrenaturalmente, quer prosternar-se diante da jovem parente: "*De onde me vem tamanha honra?*" – exclama com admiração. "*Como é que se digna de vir a mim a Mãe de meu Salvador?*".

O Magnificat

Então Maria não pode mais ocultar o segredo que o próprio Céu acaba de revelar. E deixa refulgir no *Magnificat* seu admirável reconhecimento: "*O Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas. Eis que pelos séculos dos séculos todas as gerações Me proclamam bem-aventurada*".

Mas quanto mais Ela glorifica o Altíssimo, mais se aprofunda no

abismo do seu nada: *"Ele lançou os olhos para a pequenez de sua serva, porque costuma derrubar por terra os soberbos e exaltar os humildes"*.

Importante lição. Deus nos concederá seus favores na medida em que nos aniquilarmos na presença d'Ele. O Espírito Santo não deposita seus dons num coração orgulhoso. Pedi a Nossa Senhora a graça de conhecer melhor o Salvador; sua missão é a de conduzir as almas a Jesus.

Nossa sede inextinguível de felicidade se aplacará

A visita de Maria traz enfim tesouros de alegria. *"Assim que vossas palavras soaram em meus ouvidos – exclama Isabel –, meu filho saltou de alegria em meu seio"* (Lc 1. 44).

Deus nos criou para uma eterna felicidade; é por isso que trazemos em nós uma sede inextinguível de felicidade.

Ai de nós! Muitos pensam encontrar a felicidade nos prazeres proibidos. Lamentável erro. O pecado carrega frutos de morte, não deixa atrás de si senão remorsos e desgostos.

Outros vão procurar fora de Nosso Senhor satisfações legítimas, mas puramente humanas. A bagatela pode nos distrair por um instante, mas acaba fatalmente por nos fazer sofrer, pois não basta para satisfazer o vazio de nossas almas. A verdadeira alegria encontra-se nos corações que se dão inteiramente a Cristo.

Ó Virgem Imaculada, *Mãe da santa alegria*, concedei às nossas almas ávidas de felicidade as alegrias inefáveis do amor divino.

A santificação de Maria

Não penseis que fosse fácil para Maria progredir assim na virtude. Apesar de isenta de tentações interiores – sua Conceição Imaculada A colocava ao abrigo da concupiscência –, a exemplo de seu Divino Filho estava Ela submissa à lei do esforço.

Jesus quis por experiência própria conhecer a fadiga que às vezes nos apavora. O Evangelho no-Lo mostra caindo de sono no barco, enquanto a tempestade se enfurece e as ondas invadem o convés.

Nós O vemos ainda, levado pelo cansaço, sentar-se à beira do Poço de Jacó. Maria não foi mais privilegiada do que Nosso Senhor; tenhamos como certo que Ela não se elevou à sua incomparável santidade sem sofrimento.

Deus não nos preservou do pecado original, como à Mãe do Verbo Encarnado. Mas o apagou das nossas almas no dia do Batismo. Quando temos a infelicidade de ofendê-Lo, perdoa-nos ao nos arrependermos e

restabelece sua amizade conosco pelo sacramento da Penitência.

O reencontro de Nosso Senhor no Templo

Maria e José iam todos os anos a Jerusalém para a celebração da Páscoa. Quando o Salvador completou 12 anos – idade com a qual o israelita se tornava *filho da lei* e devia participar das cerimônias de culto – seus pais O levaram à Cidade Santa.

Essas grandes solenidades tinham se desenrolado com o esplendor habitual. Soara a hora da partida. Fizeram um dia de caminhada sem se preocupar. Quando, na caída da noite, pararam na primeira etapa, ficaram surpresos ao não verem chegar o Divino Infante.

Que dor apoderou-se da alma de Maria! Para compreender a imensidade de seu sofrimento, impõe-se compreender também a imensidade do amor que Ela votava a esse Menino, ao mesmo tempo seu Filho e Filho de Deus.

Não O havia visto perseguido pelo ódio mortal de Herodes? Talvez outros inimigos buscassem sua vida preciosa.

Não havia meditado sempre as páginas da Escritura, onde o Profeta Isaías anuncia os sofrimentos do Messias? Ela ignorava quando e como se cumpriria a sublime imolação: a hora do grande martírio teria chegado?

Sua alma estava absorta num oceano de amargura.

Grande lição de desapego e obediência

Enquanto Maria estava absorta no abismo da dor, credes que o Menino Jesus havia cessado de amá-la? Seu Coração divino A acompanhava com terna compaixão e tinha piedade de sua imensa aflição. Invisivelmente presente, Ele estava junto d'Ela e A sustentava com sua graça todo-poderosa. Mas A deixava sofrer, para dar ao mundo uma grande lição de desapego e de obediência à vontade do Céu.

Mesmo quando parece retirar-se de nós, o Bom Mestre não cessa de nos amar. Devemos somente deixar-nos conduzir de olhos fechados, com inteira confiança.

A compaixão da Santíssima Virgem



Algum tempo após o nascimento de seu Filho, Maria foi com São José a Jerusalém a fim de apresentar o Menino recém-nascido a Deus. Simeão tomou o Menino Deus nos braços e, num êxtase de reconhecimento, cantou seu "*Nunc*

dimittis".

Depois, inundado de luz profética, percebeu para o futuro horas sinistras. Balançando tristemente a cabeça, disse: "*Pobre mulher, um gládio de dor transpassará vossa alma*" (Lc 2, 35).

Eis que é chegada a hora trágica em que se realiza a terceira profecia do velho Simeão. A Cruz apresenta-se num céu carregado de nuvens, sentindo-se o peso das ameaças do Eterno. Um silêncio assustador paira sobre a cidade deicida. Jesus expira.

Junto ao madeiro onde foi pregada a grande Vítima, Maria está de pé, imóvel, muda, os olhos fixos sobre o Deus que morre, com a alma mergulhada numa dor sem fim.

Que inteligência criada poderia sondar inteiramente esse sofrimento?

"Ferida de dinheiro não é mortal"

A provação atinge-nos de mil modos. Ela pode nos ferir em nossos bens materiais. É penoso, concordo, mas não somos tocados em nossa pessoa: "*ferida de dinheiro não é mortal*".

A provação pode nos ferir em nossos corpos. O mal torna-se mais grave. A carne freme, a sensibilidade se revolta. Mas a inteligência pode guardar a serenidade: "*uma grande alma continua senhora do corpo que anima*".

A prova pode nos ferir no espírito. A dúvida, o desânimo, a inveja, o desespero enchem de penumbra uma existência e podem torná-la insuportável, conduzindo as almas fracas ao langor, à idéia fixa, à loucura. Mas essas não são ainda as grandes dores.

A provação pode nos ferir em nossas fibras mais profundas. As grandes dores brotam do coração e provêm de um amor dilacerado. Então somos atingidos no mais íntimo. Se alguma reação forte não vier nos salvar, esse amor que nos tinha conduzido ao paraíso dos sonhos nos precipita na tumba. O amor quebrado nos mata.

Maria não sofreu senão por amor

Seu martírio excede em horror ao martírio do sangue. Ela vê o divino Corpo sofrer, acompanha passo a passo o lúgubre cortejo que sobe o Calvário, assiste à horrível cena da crucifixão, ouve os pesados martelos introduzirem os pregos nos pés e nas mãos adoráveis do Filho, percebe sua carne caindo em pedaços e seu sangue precioso correndo abundantemente. Quando o infame madeiro é erguido entre o céu e a terra, Ela acompanha na Sagrada Face os progressos da agonia.

Maria vê Jesus sofrer na sua honra. Ele é conduzido à morte entre dois ladrões. A criadagem do Sumo Sacerdote escarnece de sua benevolência, de sua santidade, de sua divindade. Os soldados zombam: *"Desce daí, que creremos em ti"*.

Ela O vê sofrer na alma, cujas alegrias beatíficas Ela conhecia. Imensa aflição A invade quando O ouve soltar o gemido queixoso: *"Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonastes?"* (Mt 27, 46).

O drama do Calvário

A Escritura narra que no momento em que a infeliz Agar, sem recursos no deserto, viu seu filho desmaiar, levou-o para junto de um matagal. Depois fugiu como uma louca, e no seu desespero gritava: *"Não verei com meus olhos meu filho morrer"*.

Maria não abandona por um só minuto seu Filho agonizante, não perde de vista um só de seus sofrimentos. Quando Jesus morre, Ela está lá.

O amor produz um fenômeno que os filósofos da Idade Média chamavam de *êxtase*. Ele toma, por assim dizer, o coração da pessoa que ama e o coloca no lugar do coração da pessoa amada. É bem o que se dava com Maria.

Todas as dores do Filho repercutiam n'Ela, e quando a lança do soldado abriu o Coração do Salvador, transpassou com o mesmo golpe a alma da Virgem Mãe. A palavra do velho Simeão acabava de se cumprir.

"Ó vós todos que passais pelo caminho, parai e vede se há dor semelhante à minha dor" (Lamentações de Jeremias 1, 12).

Por que o sofrimento?

Quando a provação nos atinge, gememos. A revolta sobe aos nossos lábios, somos tentados a acusar Deus de injustiça, e nos perguntamos com amargura: *"Por que esse sofrimento?"*.

Deus nos envia o sofrimento para nos purificar e salvar. Na sua bondade misericordiosa, permite que utilizemos esse precioso dom não só para o nosso bem pessoal, mas também em favor daqueles que nos são caros.

Pobres almas que sofreis, não interrompais vossas lágrimas, mas lembrai-vos de que elas têm um valor muito grande e podem transformar-se em orvalho de bênção.

Não tendes faltas a expiar? Não tendes almas amadas cuja sorte eterna vos inquieta? Não tendes mortos que talvez sofram no Purgatório?

Aceitai vossos sofrimentos com resignação, com reconhecimento, com amor. Apresentai vossas lágrimas ao Coração agonizante de Jesus. Ele vos associará de longe, mas eficazmente, à sua obra de salvação.

Morte e Assunção de Maria

O ensinamento tradicional da Igreja não nos deixa nenhuma dúvida sobre esse ponto. Nossa Senhora morreu verdadeiramente.

Convinha, aliás, que assim fosse. O Salvador nos mostrou o caminho que devemos percorrer a exemplo d'Ele.

Maria, a mais gloriosa das meras criaturas, não era maior que Jesus: cumpria, pois, que também Ela desse o último suspiro e entregasse como Ele sua alma ao Pai.

Deus queria ainda, por nosso amor, que Ela atenuasse para nós com seu exemplo as angústias desse terrível trânsito.

A morte da Imaculada foi tão real quanto consoladora e serena. Assemelhou-se ao sono tranqüilo de uma criança que adormece no berço.

E não poderia ter sido de outro modo. Nenhum medo seria capaz de perturbar sua consciência radiosa. Sua alma, imaculada desde o primeiro instante, nunca fora tisonada pela mais ligeira imperfeição. Nenhuma separação terrena poderia partir seu coração. Jesus, seu único amor, A esperava para além do túmulo. Juntar-se a Ele seria sua alegria suprema.

Como enfrentar as provações

Se maior fosse a nossa fé, encontraríamos nos dogmas de nossa Religião preciosas consolações.

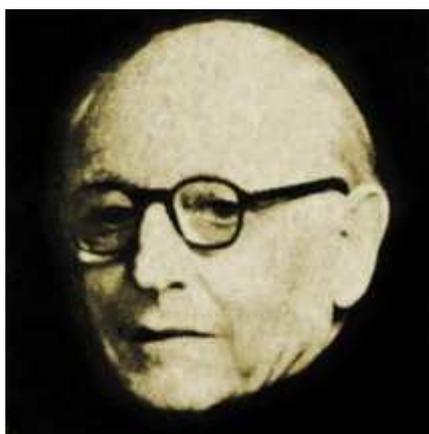
Pecamos freqüentemente, é verdade. Mas não foi pelos pecadores que Nosso Senhor veio ao mundo? Não acolheu com imensa piedade e com ternura infinita as almas culpadas? Não perdoou as lágrimas de Madalena? Não protegeu e converteu a infeliz que os judeus haviam surpreendido no próprio ato de sua falta?

Mais ainda, Ele vai ao encalço da ovelha tresmalhada, não encontrando repouso senão depois de tê-la reconduzido sobre os ombros ao rebanho, com a cabeça dolorida apoiada calorosamente sobre seu Coração adorável.

A morte nos separa, mas só por um instante. Ela jamais rompe os laços estabelecidos sob o olhar de Deus. Não rezais diariamente estas palavras -- *Creio na comunhão dos santos, na ressurreição da carne, na vida eterna* -- que levaram Santa Teresa a transportes de reconhecimento?

Possuindo certezas tão absolutas, como pode um cristão temer a morte? Se essas verdades não vos impregnam de paz, suplicai à Santíssima Virgem que vos ilumine. Ela vos fará compreender um pouco melhor a misericórdia de seu Filho e as esperanças da eternidade.

O autor



Oriundo de nobre família do sul da França, o Padre Thomas de Saint-Laurent nasceu em Lyon no dia 7 de maio de 1879, e faleceu em Uzès no dia 11 de novembro de 1949. Ordenado sacerdote em 1909, foi designado no ano seguinte Pároco de Santa Perpétua em Nîmes.

Exerceu prodigiosa atividade apostólica, distinguindo-se muito cedo como insigne pregador e escritor.

Destacou-se como capelão da Juventude Católica (1912) e missionário apostólico (1919). Em 1920 foi nomeado cônego honorário da Catedral de Nîmes e, cinco anos depois, capelão do Carmelo de Uzès, onde faleceu após duas décadas de funções.

Como escritor, publicou diversos livros na Editora Aubanel Frères, de Avignon, destacando-se entre outros: coleção *Almas de Santos* (Santa Teresinha do Menino Jesus, São Francisco de Assis, São João da Cruz, São Vicente de Paulo); *Com Jesus sofredor*; *A Virgem Maria*; *Nossas amizades após a morte*; *A arte de falar em público para uso de todos*; *A timidez*; *O domínio de si mesmo* e *O Livro da Confiança*. Este último, com várias edições em diversas línguas, é sem dúvida o mais famoso de todos.

No prefácio que escreveu para a edição australiana de *O Livro da Confiança*, assim se referiu o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira ao autor: "*O Padre Saint-Laurent recebeu da Providência o dom de falar diretamente às almas, fazendo sentir no seu mais íntimo o valor da confiança; e apaziguando,*

de um modo que por vezes se diria miraculoso, as tormentas que sacodem, por vezes, até as almas mais fiéis”.

As mesmas palavras do ilustre pensador católico brasileiro podem com toda propriedade aplicar-se ao presente livro *A Virgem Maria*. Simples e despretensioso, mas repassado de unção, ele persuade profundamente o leitor, descortina novos horizontes para a sua vida espiritual, e lhe ensina a confiar ilimitadamente na bondade da Santíssima Virgem, nossa Mãe incomparável.